

# *Iria Zainko Berejuk<sup>1</sup>*

26/10/1938 – 12/01/2019

Maris Stela da Luz Stelmachuk<sup>2</sup>

Iria Zainko Berejuk nasceu na cidade de Mallet, Estado do Paraná, no dia 26 de outubro de 1938. Formou-se no Magistério, tendo ido lecionar em Paula Freitas, mas não tendo se identificado com esta profissão percebeu que seu negócio era o balcão, como seu pai. Iria casou-se com João Berejuk e o casal teve dois filhos, Paulo e Ana Maria.

Conhecida comerciante, Iria contou a história da Livraria e Papelaria Gisa, a qual fora comprada por ela e seu marido, no ano de 1961. Este estabelecimento pertencia ao senhor José de Arimatéia Cleto, que o herdara de seu pai. Na época da entrevista, 2011, a loja já tinha mais de 100 anos, contava ela, e a pretensão era encerrar as atividades no ano seguinte. Ela contou que não houve inauguração da loja, mas apenas troca de proprietários que, já cansados, depois de 50 anos de trabalho, resolveram vender. Sobre a freguesia, já estava formada, pois continuaram o trabalho que já existia. Ao assumir a loja, não fez mudanças, mas apenas seguiu o modelo que já estava em funcionamento.

Sobre as mudanças que foram ocorrendo na cidade ao longo dos anos de trabalho que foram se passando, ela disse que acompanharam a evolução,

---

<sup>1</sup> A primeira parte deste texto foi construída a partir de entrevista concedida a Fernanda Helena Teixeira, Lucinéia Antunes, Maria Cristina Kliemann de Lara, Paula Daiane Viana e Priscila Lazier, acadêmicas de Psicologia da Universidade do Contestado, Campus Porto União, em 2011, como parte de um trabalho sobre comerciantes que permaneciam exercendo suas atividades em seus estabelecimentos comerciais desde o início de suas carreiras. Este trabalho fazia parte da disciplina Psicologia do Desenvolvimento III, que aborda meia idade, velhice e morte e é ministrada por mim, Maris Stela da Luz Stelmachuk.

<sup>2</sup> Membro da Academia de Letras de União da Vitória – Alvi. Ocupa a cadeira nº 16, cujo patrono é Alvir Riesemberg. Mestre e Doutora em Psicologia. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Modos de Vida, Família e Relações de Gênero (MARGENS) da Universidade Federal de Santa Catarina. Líder do grupo de pesquisa "Constituição do sujeito na contemporaneidade", da Universidade do Contestado, Campus Porto União, SC. Presidente do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso de Psicologia do Campus Porto União, da Universidade do Contestado. Professora, orientadora de trabalhos de conclusão de curso e supervisora de estágio em Psicologia Clínica e Psicologia Escolar pela Universidade do Contestado.

mas que a cidade continuou pobre, com poucas indústrias, sendo que algumas das que existiam foram fechando, sobretudo as madeireiras. Quanto a novas indústrias, achava que era difícil se fixarem, por falta de um plano político que as atraísse. Não se pensava no futuro, segundo ela, e os jovens tinham que sair de uma cidade que não crescia e pouco lhes oferecia.

Na época da entrevista, o trabalho na papelaria era feito por ela e pelo marido, além de uma funcionária, excelente, que fazia tudo, era pau pra toda obra, segundo suas palavras. Mas contou que já tiveram um total de oito funcionários, até que veio a tecnologia e a loja não acompanhou esta modificação. Passaram a vender cadernos, papel, e ficaram neste segmento.

Há 30 anos, porém, no que era uma residência no andar superior ao prédio da loja, passou a funcionar uma loja de roupas para festa, a Noiva Modas Gisa. A princípio, vendia essas roupas, mas depois passou a ser uma locadora de roupas caras, vestidos de noiva e, posteriormente, roupa social para todas as idades. Nesta loja mantinha quatro funcionárias de alta costura para costurar e fazer ajustes nas roupas alugadas.

Para Iria, a loja era sua vida, tal a importância e o gosto que tinha pela vida de vendedora. Ela relatou que só se fica tanto tempo em uma única atividade se gostar muito do ramo. Por causa do comércio, aprendeu a falar e escrever em polonês e ucraniano, duas etnias fortes na cidade, para se entender com os clientes: *“Eu gosto porque eu nasci atrás do balcão, eu já venho vindo desde a casa dos meus pais. Eu era pequenininha e já estava vendendo”*, relatou Iria.

Seus planos eram de trabalhar até completar 50 anos de idade, mas continuou até passar dos 70. Percebeu que não podia parar, pois o trabalho era como cachaça, dizia ela, vicia; e não se via dentro de casa depois de ter passado tanto tempo conversando diariamente com pessoas, aprender com elas, trocar ideias.

Mesmo assim, além de suas atividades na loja, Iria dedicou-se à vida doméstica: *“Eu sou dona de casa, eu sou cozinheira, modéstia à parte, excelente cozinheira”*. Gostava de viajar e conheceu a Europa. Ia todos os anos aos Estados Unidos visitar seu filho que lá morava, para estar junto com seus netos e com a família toda.

Falando de seu tempo no balcão da papelaria, disse que deu muito de si, que atendeu tantas pessoas, vendendo cadernos para escolares que, mais tarde, formaram-se em profissões as mais diversas; alguns tornaram-se médicos, ela lembra, e sente que isso foi muito bom para si.

Seu gosto pelo trabalho é tal que, se tivesse que recomeçar, faria-o da mesma forma como fora, e faria isso com muito amor. Ao falar isso, sorria. Sobre que conselho daria a quem está começando sua vida no comércio ela respondeu: *“Trabalhe muito, atenda bem e por amor, amor ao trabalho. Eu me formei professora, fui dar aula em Paula Freitas, né, mas vi que não era aquilo, não, era aqui, balcão mesmo”*.

Dona Iria era proprietária de uma papelaria em notável e tradicional edificação, que foi destruída para dar lugar a mais uma construção moderna e sem personalidade. Personalidade foi uma forte marca que sempre destacou a papelaria Gisa, com seu assoalho de madeira, com seus balcões também de madeira e tampos de vidro, por onde se viam os produtos que vendia. Eram figurinhas decorativas, lápis de cor, material escolar e todo tipo de armarinho que encantavam e faziam brilhar nossos olhos e bater o coração.

Os materiais mais sofisticados, como canetas tinteiro e a nanquim, eram vendidos em lugar separado da ala mais comum. Nesta, vendiam-se cadernos e material de escritório, como blocos de recibo, clips, livros-caixa, etc. Os papéis em metro para encapar cadernos, etiquetas para identificação dos alunos, canetas esferográficas, lápis, borrachas, régua, apontadores de lápis eram vendidos em ala contígua à do material de escritório. Em outra ala da loja, charmosas vitrines continham variados e finos adornos para realce da beleza feminina. Eram tiaras, pulseiras, luvas de organdi e rendas, inúmeras peças que eram um sonho para qualquer moça que lá adentrasse, mas também para dar mais solenidade aos trajes de meninas em sua Primeira Comunhão e daminhas de casamento. Valia a pena entrar somente para ver estas belezas que alegravam os olhos e faziam sonhar com dias especiais.

Fig. 1 – Livraria e Papelaria Gisa



**Fonte:** <<http://blogdogiesbrecht.blogspot.com/2011/09/visoes-de-porto-uniao-da-vitoria.html>>.

Dona Iria e sua papelaria foram marcantes nas cidades de União da Vitória e Porto União, sempre à frente de seus negócios que funcionaram por mais de 50 anos em especial e linda edificação, bem ao lado da ferrovia, primeira casa da rua Siqueira Cortes, em União da Vitória, Paraná.

Com seus negócios preparou gerações para a escola, para o trabalho e para as festas. Para a escola, com sua papelaria sempre sortida com materiais que estimulavam a compra pela utilidade e pelo encanto que despertavam. Loja bem administrada, equipou muitos e muitos escritórios com itens de uso diário para a consecução do trabalho burocrático.

Mas o encanto mesmo acontecia quando se adentravam as portas em arco, circundadas por tijolinhos à vista que davam acesso às duas vitrines, uma de frente para a outra logo na entrada. Eram vitrines mágicas, que nos transportavam para dias especiais, como a honra de ser dama de um casamento, adornos para vestir meninas para Primeira Comunhão e para noivas em seus casamentos. Também as madrinhas encontravam finos adereços para compor seu *look*. Adentrar as portas da Livraria Gisa sempre era momento de alegria para os olhos.

Em seus últimos anos de vida, Iria intensificou sua prática filantrópica, contribuindo com entidades de cuidados a idosos, como o Lar de Nazaré. Anteriormente participava ativamente, juntamente com seu esposo, de atividades da Paróquia São Basílio Magno, em União da Vitória. A culinária ucraniana, com o famoso e apreciado perohê e outras iguarias, quando das

festas e promoções desta Paróquia estiveram sob a coordenação de Iria, nos anos de 2005 e 2006<sup>3</sup>.

Seu falecimento aconteceu em 12 de janeiro de 2019. Agradecemos, D. Iria, por ter contemplado nossas cidades e região com tão encantadora loja por tantos e tantos anos. Sua passagem por aqui sempre será lembrada.

Fig. 2 – Iria Zainko Berejuk e seu marido João.



**Fonte:** Fernanda Helena Teixeira, Lucinéia Antunes, Maria Cristina Kliemann de Lara, Paula Daiane Viana e Priscila Lazier, acadêmicas de Psicologia da Universidade do Contestado, Campus Porto União, em 2011.

---

<sup>3</sup> Informações cedidas por Marcos Leão, amigo da família, advogado e conhecedor da história local e regional, e Lea Massignan Berejuk.